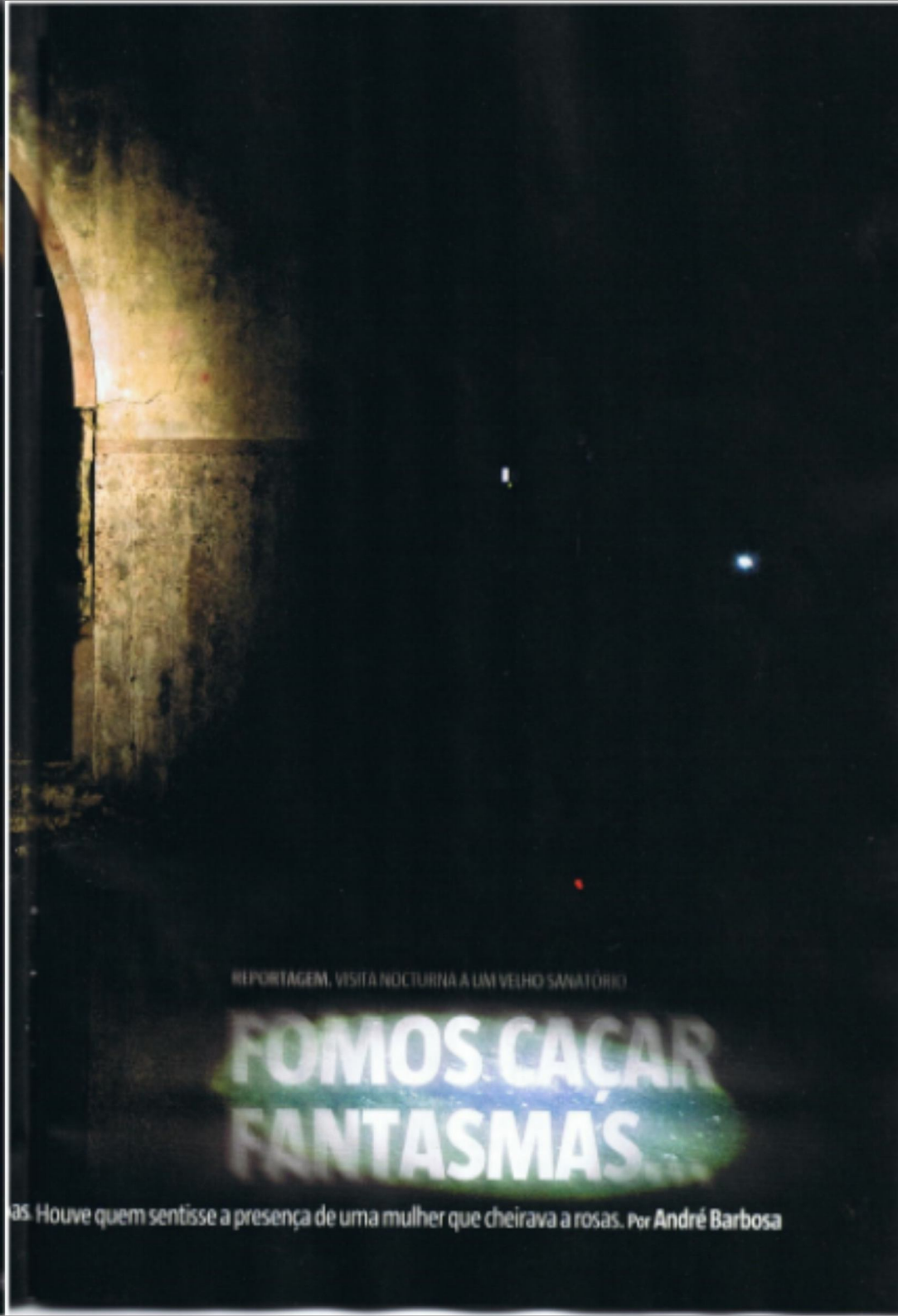




PHOTOGRAPH BY [illegible]

...com uma equipa de investigação paranormal, num edifício onde morreram dezenas de pessoas



REPORTAGEM, VISITA NOCTURNA A UM VELHO SANATÓRIO

# FOMOS CAÇAR FANTASMAS

as. Houve quem sentisse a presença de uma mulher que cheirava a rosas. Por André Barbosa



A expressão de Mário Lemos, 18 anos, altera-se. "Cheirou-me a perfume, a rosas", diz o rapaz, cabisbaixo, encostado a uma parede. Não há nada ali, excepto um labirinto de corredores escuros, cubículos com azulejos a cair, paredes descarnadas. Sombras há por todo o lado, criadas pela lua cheia. E uma vista soberba sobre o Douro, que se pode ver a partir das janelas sem vidros. O grupo de investigação paranormal, disperso pelos corredores do sanatório de Mont'Alto (ou sanatório de Valongo), reagrupa-se em frente ao seu elemento mais jovem. Mário diz sentir um odor a flores. Depois frio. E por fim uma súbita tristeza. "Ela estava muito triste... alguma coisa lhe aconteceu", conta aos outros.

A mãe de Mário, com quem vive em Aveiro, é médium. O rapaz parece ter herdado o dom e diz que não é a primeira vez que sente cheiros e que absorve o estado de espírito de fantasmas. "Não consigo controlar." Não viu nenhum vulto, mas pelo cheiro sabe que se trata de uma mulher e do bem. "Se tivesse outro género de odor, como enxofre, não seria bom, poderia ser um espírito negro." Nem a equipa da SÁBADO nem o resto dos seus companheiros sentiram qualquer rasto de perfume.

O mais natural seria sentir o odor a morte. Dezenas de pessoas terão morrido ali, vítimas de tuberculose e sífilose, sobretudo mineiros da região. O sanatório demorou mais de 25 anos a ser construído (a primeira pedra foi lançada a 10 de Julho de 1932 e só abriu a 1 de Novembro de 1958), porque foi feito com esmolas. Chegou a ter 350 pessoas internadas. Entre os tuberculosos estava Maria Inês Monteiro, na altura com 42 anos. Era pobre, com uma filha de 10 anos, e foi admitida em 1968. "Vive à margem de toda a assistência, privada de todos os cuidados, lembrando um farrapo humano atirado para um catre", descreve-se numa carta dirigida nesse ano à Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Também por lá passou, em 1961, Manuel Amorim, um marceneiro e pai de três filhos, prestes a perder o trabalho devido à sífilose. O perigo de contágio ao resto da família levou-o ao Mont'Alto. "O sanatório era um paliativo, as pessoas acabavam por morrer dementes e com os pulmões desfeitos", afirma Serafim Gesta, historiador local de São Pedro da Cova, que lá teve vários amigos internados.

Viu "gente acamada, de rosto pálido, já envolvida pela teia da morte". E nunca mais



se esquece desta imagem: cada vez que morria alguém, eram chamados os funerários da região, que levavam os mortos numa car-

## Se houver uma descida súbita da temperatura, estaremos perante uma entidade sobrenatural

reta. "Devido à sinuosidade do caminho, muitas vezes o caixão caía da carreta e o corpo ficava exposto", relata.

## Saiba como caçá-los

ALÉM DE BATERIAS, TRIPÉS E WALKIE-TALKIES, HÁ QUATRO APARELHOS ESSENCIAIS



**TEMPERATURA.** A câmara térmica (na foto) custa entre 5 e 6 mil euros, mas pode ser alugada por 200 euros/mês.

**SOM.** O gravador digital da Team Anormal custou 70 euros.

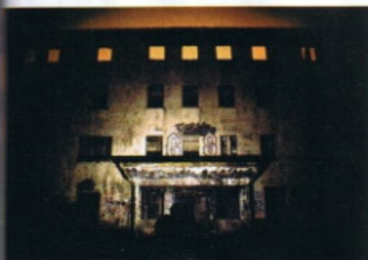
**IMAGEM.** A câmara com sistema de visão nocturna capta luzes na escuridão. Custou 139 euros na Internet.

**ONDAS.** O medidor de campos electromagnéticos (*ghost meter*) custa 55 euros.

As histórias sinistras e o aspecto tétrico do edifício, de cinco pisos, alimentam a imaginação. Logo à entrada, na escadaria original, forma-se em pedra uma estrela de cinco pontas, um símbolo pagão. O edifício foi pilhado depois do 25 de Abril e agora só tem o esqueleto. Durante o dia parece inofensivo: há sessões de *paintball* e até de *trash the dress*,

noivas que vão para lá à procura de um cenário alternativo para as clássicas fotografias de casamento. E sobretudo pessoas a drogar-se. À noite é diferente. Mesmo Serafim Gesta, que conhece bem o sítio, avisa: "Não vão lá à noite!"

**SÃO 21H30 E A TEAM** Anormal, de cinco elementos, guia a SÁBADO. Não são os únicos em Portugal a investigar casas abandonadas, que acreditam ser habitadas por espíritos presos a memórias do passado. Há vários grupos do género, que partilham experiências em fóruns na Internet sobre o sobrenatural. Por vezes são contactados por pessoas que julgam viver numa casa assombrada. Mas, tal como na Team Anormal, não fazem exorcismos: recolhem provas e a expulsão fica a cargo de quem tem



A caminho da capela, o detector de ondas electromagnéticas apita duas vezes. Podem ser os espíritos – ou os telemóveis

autoridade para isso. Rui e Joaquim, ambos de 34 anos, são os fundadores e líderes; David, de 43, está encarregue do aparelho de captação de ondas electromagnéticas; Miguel, de 21, é operador da câmara de visão nocturna; e Mário, o mais novo, faz o EVP (*electric voice phenomenon*), a "entrevista" aos fantasmas, através de um gravador digital. Os instrumentos foram encomendados pela Internet e custaram 800 euros.

A investigação começa pelo piso térreo, uma área de 836 m<sup>2</sup> onde terão funcionado refeitórios, copas e salas de recreio. Rui analisa a temperatura: não há grande oscilação, mantém-se entre os 14 e os 15 graus. Desloca-se lentamente pela sala, à espera de verificar uma descida súbita. "Se isso acontecer, é sinal de que estamos perante uma entidade" – o nome dado pelos especialistas aos fantasmas. Minutos depois, o operador de câmara da SÁBADO apercebe-se, pelo microfone, de que, do lado oposto, Joaquim sentiu qualquer coisa. Pede pelo *walkie-talkie* que alguém lá vá com uma câmara fotográfica. O funcionário da indústria corticeira, de Esmoriz, diz que tinha 11 anos quando se apercebeu de que conseguia comunicar com os mortos. "Acordava muitas vezes com presenças ao meu ▶



Os corredores são filmados – os vultos podem aparecer depois nas imagens. No ecrã da câmara vêem-se pontos de luz a passar. Afinal, eram mosquitos



lado, chorava muito. Uma médium disse à minha avó que tinha o cofre aberto e fechou-o, desde então não vi mais nada", conta. Agora, diz ter acabado de sentir qualquer coisa. "Tive uma sensação esquisita, senti-me muito maldisposto, com vontade de vomitar e a cabeça a estourar. Como não vi nada, pedi para tirarem fotografias, talvez se capte alguma coisa." A má disposição mantém-se por algum tempo: "Não consigo estar aqui, desculpem."

Sobe-se aos pisos superiores, onde parecem ter funcionado as enfermarias. Rui, que tal como Joaquim teve experiências paranormais em criança ("vi um espírito em casa de um casal amigo"), guia o jornalista até ao poço de um elevador. Parece mais o local por onde se levavam as refeições da cozinha para as copas, mas o pintor da construção civil acredita que também serviu para transportar cadáveres. Numa visita de reconhecimento ao local, sentiu um cheiro intenso a enxofre pelo túnel vertical. Agora tenta, sem sucesso, repetir a experiência.

**RUI E JOAQUIM** têm histórias antigas para contar: numa casa de Santa Maria da Feira, que os locais acreditam estar assombrada, Joaquim viu atrás de si uma enorme mancha negra. Noutra, também no Norte do País, recebeu uma pancada nas costas e Rui foi empurrado por uma força invisível. Numa visita anterior ao sanatório, garantem ter sido atingidos por "pedrinhas" quando estavam no topo do edifício. "Vinhão de baixo, olhámos e não vimos ninguém." Joaquim tem uma explicação científica ainda menos convincente: "Podiam ser descargas eléctricas."

A investigação segue para as traseiras do edifício, onde dormia o pessoal do sanatório, mas a Team Anormal acredita que era ali a zona mortuária. É um anexo pequeno, cheio de buracos no cimento, rodeado de vegetação descontrolada, talvez o espaço menos assustador. Ai, só se conseguiu captar uma pequena descida de tempera-



**DAVID SOUSA**  
53 anos, electricista. É o membro mais recente. É ele quem capta as ondas electro-magnéticas

**MIGUEL LOUREIRO**  
21 anos, da indústria automóvel. Já viu vultos nas gravações; não se assusta

**RUI PEREIRA**  
34 anos, pintor. Fundou a equipa com Joaquim. Teve experiências paranormais em criança

**MÁRIO LEMOS**  
18 anos, estudante. É dos mais sensíveis às manifestações sobrenaturais. A mãe é médium

**JOAQUIM COELHO**  
34 anos, corticeiro. É co-fundador e líder da investigação. Viu espíritos em criança

tura com a câmara térmica de Rui, que pode não significar nada. Não tem ambiente, por isso o mais indicado é ir directamente à capela mortuária.

No caminho, David entusiasma-se cada vez que o leitor de ondas electromagnéticas apita. O aparelho de plástico parece ser sensível ao terreno acidentado, mas ele acredita que está a passar por um fantasma. Durante a noite, a máquina dá sinal duas vezes. "É a primeira vez que isto acontece, mas também pode ser o telemóvel que trago dentro do bolso que a faz apitar", diz. O electricista de 53 anos é o mais céptico do grupo.

É preciso passar por um terreno elevado e atravessar o depósito de água para chegar à capela, já sem telhado. E aí que se vai tentar comunicar com os espíritos.

O gravador digital é colocado em cima do altar e Mário é o anfitrião. "Está aqui alguém presente?", pergunta. O resto do grupo fica em silêncio – qualquer ruído pode ser captado. Quinze segundos depois, o suficiente para o fantasma respon-

## O gravador fica em cima do altar. "Está aqui alguém?" A resposta é um roncar de estômago

der, Mário prossegue e entrevista: "Precisas de algum tipo de ajuda?" Mais uma pausa para a resposta. "Podes manifestar-te sem magoar nenhum dos presentes?" Olha-se para pedras, paus que se possam movimentar, possíveis vultos que passem à entrada, uma pancada seca nas paredes, como se vê nos filmes de terror. Mais uma

Joaquim sentiu-se mal no piso térreo. Num piso superior, Rui diz ter sentido o cheiro a enxofre



vez, nada. O fantasma, a existir, não quer desassossegar os mais sensíveis. Mas nessa altura ouve-se o estômago de David. "Estou com fome", sussurra.

Os resultados da entrevista feita com a EVP só se conhecerão mais tarde, quando a gravação passar por um software que limpa ruídos. Noutras investigações, dizem ter conseguido ouvir: "Vão-se embora" e "Mas quem és tu para falar comigo?" A gravação no sanatório chega à redacção da SÁBADO uns dias depois. Joaquim garante que a partir dos quatro minutos "se ouve qualquer coisa". Mas parecem mais ruídos metálicos (não deixam de ser assustadores) do que vozes.

**COMO O ESPÍRITO TEIMOU** em não se manifestar na capela, volta-se ao edifício principal. Miguel, 21 anos, posiciona a câmara em frente a um corredor escuro. Rui passeia por ele e, no monitor, parece ele próprio um fantasma. Joaquim diz ter visto uma luz através da câmara. Será um orbe? "Já sei o que é, estou a ver um mosquito aqui em frente, a voar de um lado para o outro", responde o fotógrafo da SÁBADO. "E às vezes também é pó", acrescenta Joaquim.

É pouco depois que Mário sente o odor a rosas. Está pálido, soturno. Mas, mais uma vez, uma experiência pessoal. Ninguém sentiu nada, ninguém viu nada. Lembramo-nos das metáforas de Serafim Gesta, o historiador local, nessa tarde: "É preciso ter sensibilidade para ver, entre os malmequeres, violetas e rosas bravas, os esqueletos de homens que lá ficaram." Se calhar é isso: falta de sensibilidade. ●

A equipa de investigação garante ter sido atacada por "pedrinhas", mas lá em baixo não viu ninguém. O sanatório foi pilhado depois do 25 de Abril

